

COMENTÁRIO  
EXEGÉTICO

SCOT  
MCKNIGHT

TIAGO



VIDA NOVA

Concede, ó Deus, que, seguindo o exemplo do teu servo Tiago, irmão de nosso Senhor, a tua Igreja se entregue continuamente à oração e à reconciliação de todos os que estão em discórdia e inimizade; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e para sempre. Amém.†

*Livro de Oração Comum*

Porque o SENHOR vosso Deus é Deus de deuses e Senhor de senhores, o Deus grande, poderoso e terrível, que não é parcial e não aceita suborno, que faz justiça ao órfão e à viúva, e que ama os estrangeiros, fornecendo-lhes comida e roupas.

Deuteronômio 10.17-18

Um discípulo não está acima do mestre, mas todos os que estão plenamente qualificados serão como o mestre.

Lucas 6.40

No Concílio de Jerusalém, os cristãos judeus perguntaram entre si se os cristãos entre os gentios poderiam ser salvos mesmo se não estivessem dispostos a ser circuncidados e a observar a Lei Mosaica. Um século depois, eram os cristãos pagãos que se perguntavam se um cristão que observasse a Lei de Moisés poderia obter a salvação.

Pierre-Antoine Bernheim, *James, the brother of Jesus*  
[Tiago, o irmão de Jesus]

*Der Jakobusbrief ist rehabilitiert* [a Carta de Tiago foi reabilitada].

Walther Bindemann, “Weisheit *versus* Weisheit”

A questão crítica não é aquela que propomos ao texto, mas a que o texto nos propõe.

Luke Timothy Johnson, “Reading Wisdom Wisely”  
[Lendo a sabedoria de maneira sábia]

# Sumário

<i>Prefácio da série Comentário Exegético</i> .....	xiii
<i>Prefácio do editor</i> .....	xvii
<i>Prefácio do autor</i> .....	xix
<i>Reduções gráficas</i> .....	xxiii
<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
I. Tiago na história .....	4
II. Tiago: quem escreveu a carta? .....	13
A. Tiago, irmão de Jesus, no Novo Testamento .....	15
B. Tiago, irmão de Jesus, fora do Novo Testamento .....	19
C. Tiago, irmão de Jesus, e a carta .....	22
D. Tiago, irmão de Jesus, e o estilo do grego da Carta de Tiago .....	27
E. Tiago, irmão de Jesus, e a teologia .....	34
III. Quais são os temas centrais da Carta de Tiago? .....	39
A. Deus .....	42
B. Ética .....	43
IV. Qual é a estrutura de Tiago? .....	47
<b>Texto e comentário</b> .....	<b>59</b>
I. Saudação (1.1) .....	59
II. O cristão e as provações (1.2-18) .....	70
A. O objetivo do teste (1.2-4) .....	72
B. A necessidade de sabedoria durante o teste (1.5-8) .....	87

C. Pobreza e riqueza como teste (1.9-11).....	98
D. Deus, provações e testes (1.12-18) .....	110
1. Recapitulação (1.12) .....	112
<i>Excursus: Macarismos em contexto</i> .....	112
2. Testes e tentações (1.13-15) .....	121
3. Deus e as tentações (1.16-18) .....	130
III. Exortações gerais (1.19-27) .....	142
A. Exortação sobre a fala (1.19-21) .....	144
B. Exortação sobre ouvir e praticar (1.22-25) .....	156
C. Exortação sobre a religião pura (1.26-27).....	174
IV. O cristão e a parcialidade (2.1-13) .....	186
A. Inconsistência (2.1-4) .....	188
B. Interrogatório (2.5-7) .....	206
C. Instrução (2.8-13) .....	219
V. O cristão e as obras (2.14-26) .....	243
A. Interrogatório (2.14-17) .....	246
B. Desafio e respostas (2.18-26) .....	255
1. O desafio do interlocutor (2.18a).....	258
2. As respostas de Tiago (2.18b-26).....	262
<i>Breve excursus: Tiago e Paulo</i> .....	282
VI. Exortações gerais para mestres (3.1—4.12) .....	287
A. Os mestres e a língua (3.1-12).....	288
1. A advertência (3.1-2).....	293
2. A magnitude do impacto da língua (3.3-12).....	302
B. Os mestres e a sabedoria (3.13-18).....	325
1. Pergunta (3.13a).....	328
2. Resposta (3.13b).....	330
3. O problema da falsa sabedoria (3.14-16) .....	333
4. O potencial da verdadeira sabedoria (3.17-18).....	340
C. Os mestres e as dissensões (4.1-10) .....	350
1. A origem da divisão (4.1-3) .....	354
2. Acusações contra os divisionistas (4.4-6).....	365
3. Ordens para os divisionistas (4.7-10).....	379

D. Os mestres, a comunidade e a língua (4.11-12) .....	393
1. Proibição (4.11a).....	396
2. Explicação da proibição (4.11b-12a).....	398
3. Pergunta de encerramento (4.12b) .....	403
VII. A comunidade messiânica e os ricos (4.13—5.11) .....	404
A. O pecado da presunção (4.13-17) .....	405
1. Descrição do pecado da presunção (4.13).....	408
2. A instrução de Tiago (4.14-17).....	411
B. O pecado da opressão (5.1-6).....	420
1. A advertência inicial (5.1).....	424
2. O estilo de vida dos fazendeiros ricos (5.2-3).....	427
3. Uma revelação (5.4).....	432
4. A descrição dos ricos é retomada (5.5-6).....	436
C. A reação da comunidade messiânica aos ricos (5.7-11) .....	444
1. Primeira exortação à paciência (5.7) .....	448
2. Segunda exortação à paciência (5.8) .....	455
3. Exortação sobre a fala (5.9).....	459
4. Terceiro motivo para ter paciência (5.10-11) .....	462
VIII. Exortações finais (5.12-20).....	470
A. Juramentos (5.12).....	471
B. Oração e cura na comunidade (5.13-18) .....	478
1. Três condições eclesiais e três respostas (5.13-14).....	481
2. A necessidade da oração da fé (5.15a) .....	491
3. A promessa de perdão (5.15b) .....	493
4. A exortação à confissão (5.16a) .....	496
5. A necessidade de pessoas justas orarem (5.16b-18) .....	500
C. Restauração comunal (5.19-20).....	505
1. A tarefa do restaurador (5.19).....	507
2. Os resultados da restauração (5.20).....	511
<i>Bibliografia</i> .....	517
<i>Índice de autores e de assuntos</i> .....	533
<i>Índice de passagens bíblicas</i> .....	543
<i>Índice de fontes extrabíblicas antigas</i> .....	571

## Prefácio da série *Comentário Exegético*

Conforme narrado no livro de Atos, o encontro entre Filipe e o eunuco etíope na estrada de Jerusalém a Gaza foi obra do Senhor (At 8.26-39). Esse etíope trazia consigo uma cópia de pelo menos parte das Escrituras e estava lendo o livro do profeta Isaías. Ao ouvi-lo ler, Filipe indagou: “O senhor entende o que está lendo?” (At 8.30).

Ao escrever um comentário, é difícil almejar propósito mais premente do que este: *achegar-se ao leitor das Escrituras para conduzi-lo à compreensão do significado do que lê* — e fazê-lo de modo não apenas informativo, mas também transformador. Esse é o objetivo da série *Comentário Exegético*, de Edições Vida Nova. Seu trabalho interpretativo não pode ter melhor razão para existir nem melhor objetivo. Serve ao propósito de conduzir o leitor à interpretação precisa do texto das Escrituras, além de proporcionar um meio de confirmação e validação das interpretações às quais seu estudante tenha chegado no processo hermenêutico e exegético, visando à aplicação pessoal ou à exposição da mensagem escrita. Isso porque vivemos em um mundo caído e aflito que precisa de direção. Precisa, portanto, da Palavra de Deus.

Contudo, o caminho da leitura à prática nem sempre é direto e rápido. Para compreender o texto bíblico, são necessárias boas ferramentas e, entre as mais úteis, estão os comentários bíblicos. Existem vários tipos de comentários. Os que integram a série *Comentário Exegético* são daqueles que se aprofundam na compreensão do texto original da Bíblia por meio de uma exegese detalhada, justamente com o propósito de levar o leitor das Escrituras à prática da vontade de Deus.

Assim, os comentários dessa série apresentam as seguintes características:

- aliam profundidade acadêmica e facilidade de leitura;
- atendem às necessidades de pastores e demais pregadores da Palavra inspirada;

- são compreensíveis ao leigo interessado no conhecimento mais profundo das Escrituras;
- são minuciosos no tratamento de cada texto, sem exagerar nos detalhes;
- tratam a exegese não como um fim em si mesmo, mas como recurso para a compreensão do todo;
- apresentam os aspectos das línguas originais de forma acessível;
- têm o objetivo de entender a perícopes em seu contexto, associando cada passagem ao que vem antes e depois;
- reúnem autores que pertencem a uma tradição teológica conservadora e são oriundos de diversas orientações dentro do universo evangélico;
- buscam representar o texto original de modo apurado, claro e que faça sentido para o leitor de hoje.

Além dessas características, há aspectos que diferenciam os comentários que compõem essa série.

Primeiramente, e acima de tudo, eles se ocupam *do texto* das Escrituras. Não significa que não deem atenção ao longo desenvolvimento das pesquisas sobre as Escrituras e ao debate acadêmico. Significa, sim, que se esforçam em apresentar um comentário *do texto*, não do debate acadêmico. Portanto, o resultado central e principal desse trabalho é um guia de fácil leitura, reservando para as notas de rodapé (ou notas adicionais no final de cada seção) a interação com as questões críticas e a respectiva literatura técnica. Ocupar-se, porém, do texto das Escrituras não significa que a série tenha evitado certos métodos críticos ou tenha exigido que cada autor siga uma abordagem definida. Em vez disso, foram adotadas as abordagens e os métodos necessários, sempre norteados pelo propósito maior de ajudar cada autor na tarefa de deixar claro o significado desses textos.

Em segundo lugar, os autores da série identificam-se conscientemente como seguidores de Cristo que leem as Escrituras a serviço da igreja e de sua missão no mundo. Ler as Escrituras dessa forma não significa garantir algum tipo específico de interpretação. Significa entender que, na história da interpretação, há épocas em que as Escrituras trazem uma palavra necessária de confronto, chamando o povo de Deus de volta à sua vocação. Já em outras ocasiões, as Escrituras oferecem uma palavra de consolo, lembrando o povo de Deus de sua identidade, de que ele segue um Messias crucificado e serve a um Deus que vindicará os caminhos dele e de seu povo.

A terceira característica que distingue essa série é o fato de seus comentários reconhecerem que nossa leitura das Escrituras não pode estar descolada da realidade do mundo em favor do qual a igreja cumpre sua missão, pois, como

C. S. Lewis assinalou, com razão, em seu conto *O sobrinho do mago*, “o que você ouve e vê depende do lugar em que se coloca”.<sup>1</sup> Esse lugar é o mundo em que estamos, o qual nos pressiona com perguntas que não deixam de instruir nosso trabalho de interpretação. Assim, não basta expor aquilo que Deus disse outrora, uma vez que precisamos ouvir vezes sem conta aquilo que o Espírito, por meio das Escrituras, está dizendo à igreja hoje. Por conseguinte, precisamos examinar o significado teológico daquilo que lemos e como essa mensagem pode fincar pé no coração das pessoas.

Por último, a série *Comentário Exegético* foi elaborada mediante a seleção de volumes oriundos de algumas das melhores e mais atualizadas séries de comentários produzidas em língua inglesa. São obras que se situam em um ponto intermediário entre comentários mais críticos e acadêmicos — que incluem citações não traduzidas do grego, do aramaico ou do latim, por exemplo — e comentários homiléticos — os quais tentam trocar em miúdos como um texto das Escrituras pode ser transmitido, em forma de ensino ou pregação, à igreja reunida.

Nossa esperança é que aqueles que estão se preparando para ensinar e pregar a Palavra de Deus encontrem nestas páginas a orientação de que precisam. E que aqueles que estão aprendendo a fazer exegese encontrem aqui um exemplo a ser seguido.

É com imensa satisfação, portanto, que disponibilizamos à igreja brasileira essa preciosa série de comentários bíblicos.

---

<sup>1</sup>*As crônicas de Nárnia* (São Paulo: Martins Fontes, 2009), livro 1: *O sobrinho do mago*.

## Prefácio do editor

Já se passaram 35 anos desde que o comentário original da Epístola de Tiago, escrito por James Adamson, foi publicado nesta série [The New International Commentary on the New Testament] (em 1976). Desde a publicação dele, que serviu bem à sua geração, ocorreu uma proliferação considerável do interesse nessa epístola e da literatura acadêmica sobre ela — uma proliferação bastante atrasada em círculos protestantes que trabalharam tempo demais guiados pelo pronunciamento condenatório de Lutero de que Tiago era “uma epístola de palha”. O presente comentário foi escrito por alguém que desempenhou um papel significativo na promoção desse corretivo tão necessário.

Na virada do século atual, um comentário substituto sobre essa epístola foi encomendado a Donald J. Verseput, do Bethel Seminary. Entretanto, sua morte prematura em 2004, aos 51 anos, encerrou temporariamente esse capítulo desta série de comentários. Assim, foi um momento de considerável alegria quando, alguns anos depois, Scot McKnight aceitou assumir a tarefa. Aqueles que usarem/lerem este comentário reconhecerão rapidamente que decisão feliz foi essa.

Este é um comentário acessível a um público amplo, ao mesmo tempo cheio de *insights* e de bom senso e inteligência em sua redação (o que muitas vezes falta), e isso faz dele uma boa leitura e uma fonte especialmente útil de consulta sobre os temas de que Tiago trata. Portanto, tenho especial prazer em apresentá-lo à comunidade mais ampla de pastores e estudiosos, que encontrarão nele muita ajuda.

GORDON D. FEE

## Prefácio do autor

Comecei a ensinar a Carta de Tiago em meados da década de 1980. Minhas turmas, em sua maioria, eram de estudantes de seminário. Nós nos aprofundamos no texto grego e lemos os comentários-padrão. Assim, este comentário começou naquelas aulas e as reflete. Além de me aprofundar no texto grego, comecei a ler alguns comentários, incluindo os de F. J. A. Hort, J. B. Mayor, M. Dibelius, C. L. Mitton, P. Davids, S. Laws, R. P. Martin, o do antecessor nesta série, J. B. Adamson, e o extenso volume de Adamson sobre a teologia de Tiago. Naquela época, meu colega, Doug Moo, estava escrevendo um pequeno comentário de Tiago, e tivemos muitas conversas de passagem sobre essa carta. Não consigo esquecer o fluxo original de descobertas que fiz com meus alunos e os comentários acima mencionados. Um bônus para mim foi que Doug Moo escreveu um segundo comentário de Tiago, e parte da preparação final deste meu comentário foi acompanhada da leitura de sua segunda obra. Considero um privilégio ter sido seu aluno e colega e, mais ainda, ser seu amigo. Um ex-colega da North Park University, um classicista, David Nystrom, também escreveu um comentário de Tiago, e lembro-me de uma série de conversas com ele sobre o livro enquanto ele escrevia o comentário que considero o mais útil para pregadores. Sua familiaridade com as fontes antigas de Roma e da Grécia confere a seu texto um toque especial.

Este, porém, é um comentário a respeito de comentários ou dos meandros das sugestões acadêmicas relacionadas a cada ponto que pode ser levantado sobre essa que é a mais perturbadora das primeiras cartas cristãs. Na verdade, todas as vezes que eu terminava uma passagem e começava outra, sentia que havia ignorado estudiosos que mereciam mais atenção. Assim, peço agora desculpa aos que negligenciei e àqueles com quem aprendi e cujos nomes talvez não apareçam nas notas de rodapé.

Este comentário será, portanto, minha própria interação com o texto de Tiago. Ele foi moldado do início ao fim tendo em vista pastores, pregadores e professores — em outras palavras, é um comentário *eclesial* que procura expor

o significado do texto. Espero que seja tanto *sapientia* como *scientia*, tanto sabedoria como ciência. Não tenho uma teoria preferida sobre Tiago para defender. Há quem veja o tema da sabedoria em todos os versículos, alguns encontram pobreza em todos os lugares e outros veem retórica ideológica em todos os cantos da carta. Aprendi com esses estudos técnicos, mas meu interesse está menos em lançar luz nova e mais em fornecer aos pregadores e professores um comentário moldado para aqueles que desejam explicar Tiago e seu significado para congregações e classes.

Ao longo deste comentário, comparei a NRSV com a TNIV como minhas duas traduções preferidas. Depois de terminá-lo, foi anunciado que a Zondervan pararia de publicar a TNIV. Desse modo, o uso dela neste comentário servirá agora como um memorial para uma tradução útil.

Quando eu era professor na Trinity Evangelical Divinity School, meu assistente de graduação, John Raymond, acumulou uma excelente bibliografia sobre Tiago que resistiu ao teste do tempo para mim. Chris Ridgeway, meu assistente atual na North Park University, realizou generosamente tarefas bibliográficas que, se fossem confiadas a mim, certamente atrasariam a conclusão deste texto, e sou grato por sua assistência. Elaine Halama, da Biblioteca Brandel da North Park University, merece agradecimentos além das palavras por sua diligência e habilidade incomuns. Vários de meus ex-alunos, agora eles próprios professores, leram partes ou a totalidade deste manuscrito, e desejo expressar aqui meu agradecimento a eles: Sam Lamerson, Doug Huffman, Matt Williams, Jon Lunde e Steve Bryan. Meu colega, Joel Willitts, e eu tivemos muitas conversas agradáveis sobre Tiago.

Sou grato à família Eerdmans, principalmente porque, quando era estudante universitário e “passeava” pela The Bookstore [A Livraria], tornei-me amigo de Casey Lambregste e sonhava que, algum dia, escreveria um comentário nesta série. Expresso minha gratidão a Bill e Anita Eerdmans, e a Sam, que conheci quando ele estava no ensino médio e cuidava da The Bookstore. Durante anos, conversei sobre o Chicago Cubs com Reinder Van Til e Jann Myers. Gordon Fee me convidou para escrever o comentário de Tiago depois que falhei em terminar Mateus, e lhe agradeço por sua gentileza. Também quero agradecer a John Simpson, por sua paciência e cuidado na edição, e a Drew Strait, por sua ajuda com os índices.

Este livro é dedicado a nosso neto, Aksel Donovan Nelson McKnight, um presente de nosso filho, Lukas, e sua maravilhosa esposa, Annika, para nossa família.

*Um momento de silêncio. Os leitores de Tiago já sentem falta de Don Versepud, um pacífico e sábio estudioso de Tiago cuja morte prematura nos torna conscientes não apenas da fragilidade da vida, mas também de nossa comunhão em torno dessa carta. As contribuições singulares de Don estavam se transformando em grandes contribuições.*

καρπὸς δὲ δικαιοσύνης  
ἐν εἰρήνῃ σπείρεται τοῖς ποιοῦσιν εἰρήνην.

## Reduções gráficas

AB	Anchor Bible
ABC	<i>African Bible commentary</i> , T. Adeyemo et al., orgs. (Grand Rapids: Zondervan, 2006)
ABD	<i>Anchor Bible dictionary</i>
ABR	<i>Australian Biblical Review</i>
ABRL	Anchor Bible Reference Library
ACC: James	<i>James, 1-2 Peter, 1-3 John, Jude</i> , G. Bray, org., Ancient Christian Commentary (Downers Grove: InterVarsity, 2000)
ANF	Ante-Nicene Fathers
ANRW	<i>Aufstieg und Niedergang der römischen Welt</i>
Ant.	Josefo, <i>Antiquitates Judaicae (Antiguidades dos Judeus)</i>
2Apoc. Tg.	<i>Segundo Apocalipse de Tiago</i>
ATJ	<i>Ashland Theological Journal</i>
ATR	<i>Anglican Theological Review</i>
b.	Talmude Babilônico
BBR	<i>Bulletin for Biblical Research</i>
BDAG	W. Bauer; F. W. Danker; W. F. Arndt; F. W. Gingrich, <i>A Greek-English lexicon of the New Testament and other Early Christian literature</i> , 3. ed. (Chicago: University of Chicago Press, 2000)
BDB	F. Brown; S. R. Driver; C. A. Briggs, <i>A Hebrew and English lexicon of the Old Testament</i> (Oxford: Clarendon, 1907)
BDF	F. Blass; A. Debrunner; R. W. Funk, <i>A Greek grammar of the New Testament and other Early Christian literature</i> (Chicago: University of Chicago Press, 1961); todas as referências são ao número do parágrafo. Eu conferi isso em todos os casos em relação à edição alemã de F. Rehkopf, <i>Grammatik des neutestamentlichen Griechisch</i> , 15. ed. (Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1979)
BETL	Bibliotheca ephemeridum theologiarum lovaniensium
BHT	Beiträge zur historischen Theologie

<i>Biblical Social Values</i>	<i>Biblical social values and their meaning: a handbook</i> , J. J. Pilch; B. J. Malina, orgs. (Peabody: Hendrickson, 1993)
<i>BibSac</i>	<i>Bibliotheca Sacra</i>
BIS	Biblical Interpretation Series
BNTC	Black's New Testament Commentaries
<i>BTB</i>	<i>Biblical Theology Bulletin</i>
BWANT	Beiträge zur Wissenschaft vom Alten und Neuen Testament
<i>BZ</i>	<i>Biblische Zeitschrift</i>
BZNW	Beihefte zur Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft
<i>CBQ</i>	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>
<i>CBR</i>	<i>Currents in Biblical Research</i>
<i>CHJ</i>	<i>Cambridge history of Judaism</i> , W. D. Davies; L. Finkelstein, orgs. (Cambridge: Cambridge University Press, 1999), vol. 3
CNT	Commentaire de Nouveau Testament
<i>CNTOT</i>	<i>Commentary on the New Testament use of the Old Testament</i> , G. K. Beale; D. A. Carson, orgs. (Grand Rapids: Baker, 2007)
<i>CRBS</i>	<i>Currents in Research: Biblical Studies</i>
<i>DBSJ</i>	<i>Detroit Baptist Seminary Journal</i>
<i>Did.</i>	<i>Didaqué</i>
<i>DJG</i>	<i>Dictionary of Jesus and the Gospels</i> , J. B. Green; S. McKnight; I. H. Marshall, orgs. (Downers Grove: InterVarsity, 1992)
<i>DLNTD</i>	<i>Dictionary of the later New Testament and its developments</i> , R. P. Martin; P. H. Davids, orgs. (Downers Grove: InterVarsity, 1997)
<i>DMT</i>	<i>Dictionary of mission theology</i> , J. M. Corrie, org. (Downers Grove: InterVarsity, 2007)
<i>DNTB</i>	<i>Dictionary of New Testament background</i> , C. A. Evans; S. E. Porter, orgs. (Downers Grove: InterVarsity, 2000)
<i>DOTHB</i>	<i>Dictionary of the Old Testament: Historical Books</i> , B. T. Arnold; H. G. M. Williamson, orgs. (Downers Grove: InterVarsity, 2005)
<i>DOTP</i>	<i>Dictionary of the Old Testament: Pentateuch</i> , T. D. Alexander; D. W. Baker, orgs. (Downers Grove: InterVarsity, 2003)
<i>DOTWPW</i>	<i>Dictionary of the Old Testament: Wisdom, Poetry, and Writings</i> , T. Longman; P. Enns, orgs. (Downers Grove: InterVarsity, 2008)
<i>DPL</i>	<i>Dictionary of Paul and his letters</i> , G. F. Hawthorne; R. P. Martin, orgs. (Downers Grove: InterVarsity, 1993)
<i>DTIB</i>	<i>Dictionary for theological interpretation of the Bible</i> , K. J. Vanhoozer et al., orgs. (Grand Rapids: Baker, 2005)
ÉBib	Études bibliques

<i>ECM</i>	<i>Editio Critica Maior, Novum Testamentum Graecum</i> , 4.1-2, B. Aland; K. Aland; G. Mink; K. Wachtel, orgs. (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997)
<i>EDNT</i>	<i>Exegetical dictionary of the New Testament</i> , H. Balz; G. Schneider, orgs. (Grand Rapids: Eerdmans, 1990-1993), 3 vols.
<i>EH</i>	Europäische Hochschulschriften
<i>EJ</i>	<i>The Encyclopedia of Judaism</i> , J. Neusner et al., orgs. (New York: Continuum, 1999), 3 vols.
<i>EQ</i>	<i>Evangelical Quarterly</i>
<i>ÉTR</i>	<i>Études Théologiques et Religieuses</i>
<i>FF</i>	Foundations and Facets
<i>FRLANT</i>	Forschungen zur Religion und Literatur des Alten und Neuen Testaments
<i>FzB</i>	Forschungen zur Bibel
<i>GBWW</i>	Great Books of the Western World
<i>GEL</i>	<i>Greek-English lexicon of the New Testament: based on semantic domains</i> , J. P. Louw; E. A. Nida, orgs., 2. ed. (New York: United Bible Societies, 1989), 2 vols.
<i>G.J.</i>	Josefo, <i>Guerra dos Judeus</i>
<i>Hist. ecl.</i>	Eusébio, <i>História eclesiástica</i>
<i>HNT</i>	Handbuch zum Neuen Testament
<i>HTKNT</i>	Herders theologischer Kommentar zum Neuen Testament
<i>HTR</i>	<i>Harvard Theological Review</i>
<i>HvTSt</i>	<i>Hervormde Teologiese Studies</i>
<i>IBS</i>	<i>Irish Biblical Studies</i>
<i>ICC</i>	International Critical Commentary
<i>Int</i>	<i>Interpretation</i>
<i>ISBE</i>	<i>International Standard Bible Encyclopedia</i> , G. Bromiley et al., orgs. (Grand Rapids: Eerdmans, 1979-1988), 4 vols.
<i>IVPWBC</i>	<i>The IVP Women's Bible Commentary</i> , C. C. Kroeger; M. J. Evans, orgs. (Downers Grove: InterVarsity, 2002)
<i>JBL</i>	<i>Journal of Biblical Literature</i>
<i>JJS</i>	<i>Journal of Jewish Studies</i>
<i>JPB</i>	E. P. Sanders, <i>Judaism: practice and belief 63 BCE-66 CE</i> (Philadelphia: Trinity, 1992)
<i>JPFC</i>	Veja Safrai abaixo
<i>JPT</i>	<i>Journal of Pentecostal Theology</i>
<i>JPTSS</i>	<i>Journal of Pentecostal Theology</i> , Supplement Series
<i>JSNT</i>	<i>Journal for the Study of the New Testament</i>
<i>JSNTSup</i>	<i>Journal for the Study of the New Testament</i> , Supplements
<i>JSS</i>	<i>Journal of Semitic Studies</i>
<i>JSSR</i>	<i>Journal for the Scientific Study of Religion</i>

JTS	<i>Journal of Theological Studies</i>
LB	<i>Linguistica Biblica</i>
LCL	Loeb Classical Library
LEC	Library of Early Christianity
LNTS	Library of New Testament Studies
LS	<i>Louvain Studies</i>
LSJ	<i>A Greek-English lexicon</i> , H. G. Liddell; R. Scott; H. S. Jones; R. McKenzie, orgs. (New York: Oxford University Press, 1968)
<i>m.</i>	<i>Mishná</i>
MHT	J. H. Moulton; W. F. Howard; N. Turner, <i>A grammar of New Testament Greek</i> (Edinburgh: Clark, 1906–1976), 4 vols.
M-M	J. H. Moulton; G. Milligan, <i>The vocabulary of the Greek Testament illustrated from the papyri and other non-literary sources</i> (1914–1915; reimpr. Grand Rapids: Eerdmans, 1972)
NCBC	New Century Bible Commentary
NDBT	<i>New dictionary of biblical theology</i> , T. D. Alexander; B. S. Rosner, orgs. (Downers Grove: InterVarsity, 2000)
Nestle-Aland <sup>27</sup>	K. Aland et al., <i>Novum Testamentum Graece</i> , 27. ed. (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993)
<i>New docs</i>	<i>New documents illustrating early Christianity</i> , G. H. R. Horsley; S. R. Llewelyn, orgs. (North Ryde: Ancient History Documentary Research Centre, Macquarie University, 1981–; Grand Rapids: Eerdmans, 1998–; citado por ano e página)
NICNT	New International Commentary on the New Testament
NIDNTT	<i>New international dictionary of New Testament theology</i> , L. Coenen; E. Beyreuther; H. Bietenhard; C. Brown, orgs. (Grand Rapids: Zondervan, 1975–1978), 3 vols.
NIGTC	New International Greek Testament Commentary
<i>NovT</i>	<i>Novum Testamentum</i>
NovTSup	Novum Testamentum Supplements
NRSV	New Revised Standard Version
<i>NRTh</i>	<i>La nouvelle revue théologique</i>
NTD	Das Neue Testament Deutsch
NTS	<i>New Testament Studies</i>
OCD	<i>Oxford classical dictionary</i> , S. Hornblower; A. Spawforth, orgs., 3. ed. (New York: Oxford University Press, 1996)
Omanson	R. L. Omanson, <i>A textual guide to the Greek New Testament: an adaptation of Bruce M. Metzger's Textual commentary for the needs of translators</i> (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006)
ÖTK	Ökumenischer Taschenbusch-Kommentar zum Neuen Testament

OTP	<i>Old Testament pseudepigrapha</i> , J. H. Charlesworth, org. (New York: Doubleday, 1983), 2 vols.
PBM	Paternoster Biblical Monographs
PIBA	<i>Proceedings of the Irish Biblical Association</i>
PPJ	E. P. Sanders, <i>Paul and Palestinian Judaism</i> (Philadelphia: Fortress, 1977)
Sl. Sal.	<i>Salmos de Salomão</i>
RB	<i>Revue Biblique</i>
RevExp	<i>Review and Expositor</i>
RHPR	<i>Revue d'histoire et de philosophie religieuses</i>
Safrai, JPFC	S. Safrai; M. Stern et al., <i>The Jewish people in the first century</i> (Philadelphia: Fortress, 1974-1976), 2 vols.
SB	Sources Bibliques
SBLDS	SBL Dissertation Series
SBLSBS	SBL Sources for Biblical Study
SBLSS	SBL Symposium Series
SBTS	Sources for Biblical and Theological Study
Schürer	E. Schürer, <i>The history of the Jewish people in the age of Jesus Christ (175 B.C.-A.D. 135)</i> , G. Vermes et al., orgs., ed. rev. (Edinburgh: Clark, 1973-1987), 4 vols.
SNTSMS	Society for New Testament Studies Monograph Series
SNTW	Studies of the New Testament and Its World
Spicq	C. Spicq, <i>Theological lexicon of the New Testament</i> , trad. para o inglês de J. D. Ernest (Peabody: Hendrickson, 1994), 3 vols.
ST	<i>Studia Theologica</i>
STK	<i>Svensk teologisk kvartalskrift</i>
Str-B	H. Strack; P. Billerbeck, <i>Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch</i> (Munich: Beck, 1922-1961), 6 vols. em 7
SUNT	Studien zur Umwelt des Neuen Testaments
TDNT	<i>Theological dictionary of the New Testament</i> , G. Kittel; G. Friedrich, orgs., trad. para o inglês de G. Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1964-1976)
TDOT	<i>Theological dictionary of the Old Testament</i> , G. J. Botterweck; H. Ringgren, orgs. (Grand Rapids: Eerdmans, 1974-)
THKNT	Theologischer Handkommentar zum Neuen Testament
TLOT	<i>Theological lexicon of the Old Testament</i> , E. Jenni; C. Westermann, orgs. (Peabody: Hendrickson, 1997), 3 vols.
TLZ	<i>Theologische Literaturzeitung</i>
TNIV	Today's New International Version
TNTC	Tyndale New Testament Commentary
Trinj	<i>Trinity Journal</i>
TRu	<i>Theologische Rundschau</i>

---

<i>TynBul</i>	<i>Tyndale Bulletin</i>
<i>TZ</i>	<i>Theologische Zeitschrift</i>
<i>WBC</i>	Word Biblical Commentary
<i>WiS</i>	<i>Women in Scripture: a dictionary of named and unnamed women in the Hebrew Bible, the Apocryphal/Deuterocanonical books, and the New Testament</i> , C. Meyers et al., eds. (Boston: Houghton Mifflin, 2000; Grand Rapids: Eerdmans, 2001)
<i>WTJ</i>	<i>Westminster Theological Journal</i>
<i>WUNT</i>	Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament
<i>ZKT</i>	<i>Zeitschrift für katholische Theologie</i>
<i>ZNW</i>	<i>Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft</i>
<i>ZTK</i>	<i>Zeitschrift für Theologie und Kirche</i>

# Introdução

Ao ensinar a carta de Tiago, deve-se ir até a frente da sala de aula e escrever estas palavras em letras grandes no quadro:

Leia Tiago!

Abaixo disso, é preciso escrever:

Primeiro, leia Tiago à luz de Tiago!

Os estudiosos de hoje estão obcecados com o “Tiago histórico” e seu lugar no cristianismo judaico, obcecados com os paralelos judaicos, romanos e gregos, e impressionados com aqueles que encontram o maior número de paralelos ou paralelos que ninguém notou antes. De fato, ler Tiago em comparação com seus contemporâneos, as fontes e — não devemos esquecer — os primeiros documentos cristãos, ajuda o intérprete, algumas vezes de forma dramática. No entanto, ler a carta à luz de outro texto pode levar o leitor a interpretá-la da perspectiva desse texto e a concluir que eles estão relacionados, o que é, obviamente, o que chamamos de raciocínio circular. “De fato”, poderia dizer a pessoa que está na frente da sala, “não há problema em comparar Tiago com outros, *desde que, primeiro, você leia Tiago à luz de Tiago*”. E isso é exatamente o que pretendemos fazer neste comentário, porque assim descobriremos o caráter messiânico que Tiago fornece a tudo o que adquiriu de seus ambientes culturais. Dessa forma, o trabalho histórico dá lugar à exegese, ou, talvez seja melhor dizer, a exegese lança luz sobre o trabalho histórico. Dado o pontapé inicial, expressei meu apoio ao aviso sagaz de Margaret Mitchell: “Sim”, ela argumenta, “leia Tiago com base nos conceitos de Tiago, mas, se Paulo for um desses conceitos no mundo de Tiago, então leia Tiago em interação com Paulo”.<sup>1</sup> Em outras palavras, não devemos fingir que Tiago vivia sozinho em

---

<sup>1</sup>M. M. Mitchell, “The Letter of James as a document of Paulinism?”, in: Webb; Kloppenborg, *Reading James*, p. 75–98. Evitar intencionalmente as questões históricas, que

seu mundo. A seguir, com frequência faremos paralelos com textos ligados de alguma forma a Tiago, mas precisamos, sim, aprender a ler Tiago à luz dos conceitos do próprio Tiago naquele mundo — nessa ordem — e aprender que estudar essa carta não é simplesmente reconstruir o “Tiago histórico” ou o “cristianismo judaico”.

Tiago é um documento sem igual. No aspecto literário, não há paralelo real entre cartas, ensaios e homilias antigas. No aspecto histórico, não há nada parecido entre os primeiros documentos cristãos, mesmo que o contexto e a origem do documento da carta sejam profundamente contestados.<sup>2</sup> Tiago é, pelo menos no sentido tradicional, o documento cristão mais antigo que temos e, em muitos aspectos, prenuncia ou precede desenvolvimentos teológicos. Sugerimos, mas não podemos provar, que o livro é, em parte, uma resposta aos primeiros relatos do trabalho missionário de Paulo na Ásia Menor, talvez até mesmo em Antioquia (veja At 11.19-30; Gl 2.11-14). Essa é uma especulação aproximada sobre o contexto judaico-cristão de Tiago. Na verdade, hoje muitos interpretam o aspecto da fé cristã mostrado nessa carta como uma forma de judaísmo.<sup>3</sup> No entanto, é preciso observar que Tiago não menciona tantas ideias e instituições fundamentais do judaísmo, como “Israel”, templo e sábado.<sup>4</sup> Dentro do judaísmo, a carta se ajusta a textos como o Eclesiástico e também mostra algumas correspondências notáveis com o mundo da retórica

---

vão desde os contextos judaico e greco-romano até as camadas editoriais do texto de Tiago, é imprudente, mas se tornou metodologicamente defensável para alguns. Um esquema datado, mas ainda útil, dessas questões está em Cargal, *Restoring the Diaspora*, p. 1-8; veja tb. o breve esquema de Penner em “The Epistle of James”, p. 280-7.

<sup>2</sup>Veja a complexidade dessa questão em Konradt, *Christliche Existenz*, p. 317-38. Quanto a um esquema magistral dos estudos sobre Tiago (não consigo pensar em lugar melhor para estudantes sérios começarem), veja Penner, “The Epistle of James”. Além disso, veja: Hahn; Miller, “Der Jakobusbrief”; Myllykoski, “James the Just”; Klein, “*Ein vollkommenes Werk*”, p. 15-32; B. D. Chilton, “James, Jesus’ brother”, in: S. McKnight; G. R. Osborne, orgs., *The face of New Testament studies* (Grand Rapids: Baker, 2004), p. 251-62.

<sup>3</sup>F. Mussner, “Rückbesinnung der Kirchen auf das Jüdische. Impulse aus dem Jakobusbrief”, *Catholica* 52 (1998), p. 67-78; J. Neusner, “Introduction: what is a Judaism?”, in: Chilton; Neusner, *The brother of Jesus*, p. 1-9. Os critérios de Neusner para descobrir “um judaísmo”, “um sistema religioso apresentado por um grupo que se considera ‘Israel’, isto é, a personificação no aqui e agora daquela comunidade à qual as Escrituras Hebraicas do antigo Israel fazem referência: (1) o modo de vida, (2) a visão de mundo, (3) e a visão de ‘Israel’” (p. 3). O problema singular para muitos ao investigar essa proposta é o impulso de pensar que o judaísmo era um conjunto único e unitário de crenças e práticas. Veja tb. C. A. Evans, “Comparing Judaisms”, in: Chilton; Neusner, *The brother of Jesus*, p. 161-83; Penner, *The Epistle of James and Eschatology*, p. 75-103; P. H. Davids, “Palestinian traditions in the Epistle of James”, in: Chilton; Evans, *James the Just and Christian origins*, p. 33-57; e o ensaio introdutório de Chilton no mesmo volume, p. 3-15.

<sup>4</sup>Sobre isso, veja W. Popkes, “The mission of James”, in: Chilton; Neusner, *The brother of Jesus*, p. 90.

e da literatura greco-romanas. E às vezes surpreende em suas conexões com Paulo, Pedro e João e com textos como *Didaquê* e *Barnabé*, as *Sentenças de Sexto* e os *Ensinamentos de Silvano*, mas especialmente com *1 Clemente* e o *Pastor*, de Hermas, e as muito mais concisas *Sentenças de Pseudo-Focílides*. Entretanto, é a substância de Tiago, que combina a observância da Torá em uma nova chave tanto com a sabedoria quanto com a escatologia em um ambiente judaico-cristão, que constitui seu caráter especial.<sup>5</sup>

A Carta de Tiago ataca em muitas direções ao mesmo tempo: historiadores, teólogos, pastores e cristãos descobrem desafios. Como documento que emerge de um autor que está, de alguma forma, integrado em uma comunidade e ostensivamente se dirige a outra comunidade ou conjunto de comunidades, Tiago permanece um enigma: apesar dos melhores esforços de muitos estudiosos, seu contexto vital (*Sitz im Leben*) permanece indefinido. Embora pareça mais provável que a origem de Tiago estivesse em Jerusalém ou, pelo menos, em um ambiente baseado na Judeia, seu público pode se encontrar em vários locais da Diáspora.<sup>6</sup> Quando entramos no mundo da igreja hoje, Tiago rebate os cristãos que são reformados demais. Na verdade, este comentário pretende demonstrar que, quanto mais os cristãos se sentem desconfortáveis com Tiago, à semelhança de Lutero,<sup>7</sup> menos eles compreendem realmente Paulo! No âmbito pastoral, Tiago oferece tanto sabedoria quanto uma retórica poderosa e dura. A dimensão sapiencial do livro atrai leitores modernos e pós-modernos: a retórica desse escritor deixa muitos leitores cautelosos hoje em dia, enquanto outros ficam devidamente impressionados com sua habilidade.

O estudioso anabatista Ronald Sider conta que, nos dias felizes dos *hippies*, Upton Sinclair certa vez leu Tiago 5.1-5 em voz alta para um grupo de pastores e atribuiu as palavras a Emma Goldman. O fato de Sinclair ter tendências socialistas e de Goldman ser uma anarquista explica por que os pastores pediram imediatamente a deportação de Goldman. O que não está claro é por que um grupo de pastores não reconheceu a prosa memorável, ainda que perturbadora, de Tiago 5!<sup>8</sup> Elsa Tamez talvez tenha a resposta à ignorância pastoral. Ela abre seu estudo profético sobre Tiago com estas palavras: “Se a Carta de Tiago fosse enviada a comunidades cristãs de certos países em que elas sofrem violência e exploração, seria muito possivelmente interceptada pelas agências de segurança governamentais.

<sup>5</sup>Penner, *The Epistle of James and Eschatology*, p. 214-56, mostra uma percepção rara do nível mais profundo dessas conexões e de onde Tiago “se encaixa” no espectro mais amplo. Veja tb. Cheung, *Genre, composition*, p. 240-71.

<sup>6</sup>Veja Bauckham, *Wisdom of James*, p. 185-7.

<sup>7</sup>Sobre isso, veja Mussner, p. 42-7; e Calvino, p. 276-7 (“The argument”), que também acredita que Tiago é “o filho de Alfeu”.

<sup>8</sup>R. J. Sider, *Rich Christians in an age of hunger*, 5. ed. (Nashville: W, 1997), p. 133.

O documento seria considerado subversivo”.<sup>9</sup> O que leva a isso: mesmo que não possamos reconstruir o contexto histórico com confiança, a voz de Tiago expressa palavras poderosas sobre a injustiça econômica e até mesmo sobre políticas públicas, e isso perturba muitos de nós em nosso conforto.<sup>10</sup> Essa voz fica desconfortavelmente silenciosa entre muitos poderosos. No entanto, essa mesma voz encanta os ouvidos e transfigura as esperanças dos que não têm poder.<sup>11</sup> Parafrazeando as famosas palavras de Mark Twain, não é a falta de clareza do contexto de Tiago que me incomoda; são as palavras do texto que me incomodam.<sup>12</sup>

## I. Tiago na história

Muitos hoje defendem a leitura da Bíblia como história, como um enredo macroscópico que une toda a Bíblia e que, com as devidas nuances e diferenças, animou as ideias de cada autor. Ao fazer isso, a Bíblia Hebraica, ou Tanakh, torna-se o “Antigo Testamento”. Não há razão para entrar na discussão técnica aqui,<sup>13</sup> exceto para apontar os “capítulos” desse enredo. Existem (em nosso

<sup>9</sup>Tamez, *Scandalous message*, p. 1. A. Batten, em seu estudo “Ideological strategies in the Letter of James”, in: Webb; Kloppenborg, *Reading James*, p. 7, repete os comentários de J. M. Bonino na sobrecapa do livro de Tamez e conta que metade da congregação de uma rica igreja chilena foi embora quando a Carta de Tiago foi lida publicamente lá. Veja tb. Maynard-Reid, *Poverty and wealth in James*.

<sup>10</sup>Veja D. Warden, “The rich and poor in James: implications for institutionalized partiality”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 43 (2000), p. 247-57; veja tb. C. L. Blomberg, *Neither poverty nor riches* (Grand Rapids: Eerdmans, 1999) [publicado em português por Vida Nova sob o título *Nem pobreza nem riqueza: as posses segundo a teologia bíblica*]. Quanto à tentativa de relacionar Tiago com nosso mundo depois de descrever como ele funciona socialmente no próprio mundo, veja R. Crotty, “Identifying the poor in the Letter of James”, *Colloquium* 27 (1995), p. 11-21.

<sup>11</sup>A questão é por onde começar a leitura adicional. Em relação a uma visão geral de uma dessas vozes, a voz afro-americana, e a questão do racismo, veja J. Kameron Carter, *Race: a theological account* (New York: Oxford University Press, 2008); B. Blount, *Then the whisper put on flesh: New Testament ethics in an African American context* (Nashville: Abingdon, 2001); L. L. Enis, “Biblical interpretation among African-American New Testament scholars”, *CBR* 4 (2005), p. 57-82. Sobre Tiago em particular, veja M. P. Aymer, *First pure, then peaceable: Frederick Douglass reads James*, LNTS 379 (London: Clark, 2007); e Byron.

<sup>12</sup>Um bom lugar para começar é o excurso em Wall, p. 234-47.

<sup>13</sup>Veja A. C. Thiselton, *New horizons in hermeneutics* (Grand Rapids: Zondervan, 1992), p. 471-514; *Thiselton on hermeneutics* (Grand Rapids: Eerdmans, 2006); *The hermeneutics of doctrine* (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), p. 62-80, 541-81; N. T. Wright, *The New Testament and the people of God* (Minneapolis: Fortress, 1992), p. 47-80, 215-79, 371-443; *The last word* (San Francisco: HarperSanFrancisco, 2005); *Simply Christian* (San Francisco: HarperSanFrancisco, 2006); K. Vanhoozer, *The drama of doctrine* (Louisville: Westminster John Knox, 2005); *Is there a meaning in this text?* (Grand Rapids: Zondervan, 1998). Num âmbito mais amplo, as seguintes obras também representam tendências importantes: G. Loughlin, *Telling God's story* (Cambridge: Cambridge University Press, 1996); W. A. Kort, *Story, text, and Scripture* (University Park: Pennsylvania State University Press, 1988); T. Work, *Living and active* (Grand Rapids: Eerdmans, 2002).

esquema) cinco: criação de *eikons*<sup>14</sup> (Gn 1–2), quebra dos *eikons* (Gn 3), a comunidade pactuada de *eikons* (Gn 12; 17; 22; Êx 19–24; Jr 31; Mc 14.12–26; At 2; 1Co 11.17–34), a redenção por meio do *eikon* perfeito, Cristo (Mt 1–2; Jo 1; Rm 8.29; 1Co 15.49; 2Co 3.18; 4.4; Cl 1.15), e, por fim, a consumação da união de *eikons* com o Deus triúno (Ap 21–22).<sup>15</sup> É sábio considerar esse enredo da perspectiva da missão e ver essa missão como a *missio Dei*.<sup>16</sup>

A Carta de Tiago entende a história de Deus como a história de Israel. Na verdade, todos os livros da Bíblia contam essa única história, mesmo que cada autor a configure à sua maneira. Tiago conhece a ruptura pela comunidade da aliança de Deus e encontra a ruptura reparada, preenchida ou cumprida nas “doze tribos da Dispersão” (1.1). Ele lê a Bíblia (intertextualmente)<sup>17</sup> como história cujo enredo chega a um novo capítulo em Jesus Cristo. No entanto, a leitura da história feita por Tiago não é tanto de substituição, mas de cumprimento: a sua carta convoca as doze tribos a viverem, na prática, a Torá mosaica como a vontade permanente de Deus.<sup>18</sup> No entanto, mesmo aqui Tiago toca a história com um impacto característico: ele lê e traduz a Torá *da maneira que Jesus a ensinou*, a saber, por meio da combinação de amar a Deus (1.12) e amar o próximo (1.25; 2.8–11). Em outras palavras, quando se trata de ética, Tiago lê, interpreta

---

O próprio Antigo Testamento revela reflexões intertextuais, intratextuais e culturais. Veja, de Goldingay, *Israel's Gospel*; P. Enns, *Inspiration and incarnation* (Grand Rapids: Baker, 2005). Estudiosos judeus que revelam como a Tanakh é lida hoje incluem: J. L. Kugel, *How to read the Bible* (New York: Free, 2007); M. Z. Brettler, *How to read the Jewish Bible* (New York: Oxford University Press, 2007).

Sobre como a igreja primitiva lia a Bíblia, a literatura é extensa. Um texto original que deve ser lido cedo e frequentemente é *Sobre a pregação apostólica*, de Ireneu. Para um bom esquema das primeiras leituras cristãs das Escrituras, em que a narrativa é vista como o cerne do que aconteceu, veja R. E. Heine, *Reading the Old Testament with the ancient church* (Grand Rapids: Baker, 2007).

<sup>14</sup>Emprego a palavra *eikon* em vez de *imago Dei*, “imagem de Deus”, porque o último termo foi muito estragado e excessivamente contestado. Veja meu *A community called atonement*, p. 17–22.

<sup>15</sup>Veja Wall, esp. p. 23–34, 275–306, em relação a uma abordagem canônica e complementar de Tiago como um conto. Nessa obra, a Carta de Tiago é examinada em seu contexto eclesial e canônico, não sendo menos importante como Tiago funciona entre as segundas (não paulinas) cartas do Novo Testamento. Veja tb. as observações de Painter, “James as the first Catholic Epistle”, p. 245–7. Em muitas das primeiras organizações dos livros do Novo Testamento, as epístolas “católicas” vinham depois de Atos e antes das cartas de Paulo, o que colocava a Carta de Tiago em primeiro lugar.

<sup>16</sup>Veja C. J. H. Wright, *The mission of God*; L. Pachuau, “Missio Dei”: DMT, p. 232–4.

<sup>17</sup>Veja uma opinião recente in: W. Popkes, “James and Scripture: an exercise in intertextuality”, *NTS* 45 (1999), p. 213–29. Um estudo clássico que fundamenta a leitura da Bíblia dessa maneira é M. Fishbane, *Biblical interpretation in Ancient Israel* (Oxford: Clarendon, 1988). Um bom exemplo disso, de um ângulo ligeiramente diferente em relação a Tiago, é Bauckham, p. 29–111.

<sup>18</sup>Veja Ludwig, *Wort als Gesetz*; R. Wall, “Law and Gospel, Church and canon”, *Wesleyan Theological Journal* 22 (1987), p. 53–5.

e aplica a Torá através das lentes do Shemá (Dt 6.4-9) e do mandamento de amar o próximo como a nós mesmos (Lv 19.18).<sup>19</sup> Que Tiago interprete a ética na chave do Shemá é revelador de como compreender a relação dele com o judaísmo e como devemos ler sua história. De um ângulo diferente, mas que ainda assim complementa nossa ideia sobre Tiago e o Shemá, Jacob Neusner demonstrou que o típico padrão judaico/rabínico de pecado, arrependimento, expiação, julgamento e vida eterna emerge naturalmente em Tiago, de modo que sua teologia vem direto do mundo do judaísmo.<sup>20</sup>

Tiago conta essa única história verdadeira da redenção divina nas chaves moral, sapiencial<sup>21</sup> e profética,<sup>22</sup> em vez de nas chaves mais didática e

<sup>19</sup>Veja Edgar, “Love-command”, quanto a um dos únicos estudos que aborda a importância do Shemá em Tiago. Não li o estudo de Edgar antes de ter chegado às minhas próprias conclusões a esse respeito. Veja tb. Johnson, que encontra alusões a Lv 19 de maneira semelhante às *Sentenças de Pseudo-Focílides* 9-21 em vários lugares de Tiago; veja seu *Brother of Jesus, friend of God*, p. 123-35. Em minha opinião, Johnson às vezes força as evidências, mas a tese geral de que a Carta de Tiago está enraizada em Levítico 19 resiste a um exame minucioso.

Aqui estão os princípios básicos:

- (1) Tg 2.8 cita a LXX de Lv 19.18b.
- (2) Essa citação é delimitada por “parcialidade” (Tg 2.1,8-9), que também é encontrada em Lv 19.15.
- (3) Tg 5.4 alude a Lv 19.13, mas Johnson destaca a referência por causa do efeito cumulativo de (1) e (2) anteriores.
- (4) Tg 4.11; 5.1; 5.20 aludem a Lv 19.12-18.

Assim, Johnson encontra alusões ou citações a Lv 19.12, 13, 15, 16, 17b, 18a e 18b.

<sup>20</sup>J. Neusner, “Sin, repentance, atonement and resurrection: the perspective of rabbinic theology on the views of James 1-2 and Paul in Romans 3-4”, in: Chilton; Evans, *Missions*, p. 409-34.

<sup>21</sup>Veja, e.g., Hoppe, *Der theologische Hintergrund*; Frankemölle, 2.561-71; Burchard, p. 155-8; os muitos estudos de Hartin listados na bibliografia deste comentário; Verseput, “Wisdom”; B. Chilton, “Wisdom and grace”, in: Chilton; Evans, *Missions*, p. 307-22; Johnson, “Reading wisdom wisely”; E. Borghi, “La sagesse de la vie selon l'épître de Jacques. Lignes de Lecture”, *NTS* 52 (2006), p. 123-41, que mostra que a vida de sabedoria segundo Tiago é o amor pelos outros. Veja tb. P. Perkins, “James 3:16-4:3”, *Int* 36 (1982), p. 283-7. Um esquema da evidência em Tiago pode ser encontrado no estudo claro e abrangente de R. F. Chaffin Jr., “The theme of wisdom in the Epistle of James”, *ATJ* 29 (1997), p. 23-49.

Às vezes, o termo “sabedoria”, visto que agora se tornou um clichê nos estudos de Tiago, é usado sem definição. Embora existam claramente temas de sabedoria em Tiago, alguns dos temas centrais mais importantes da sabedoria — a saber, o “temor do Senhor”, a transmissão da sabedoria aos filhos e o *insight* induzido pela criação e observação da vida com suas situações de causa e efeito, para não mencionar a habilidade essencial de saber como viver neste mundo pela sabedoria — não estão presentes, e isso evita que o intérprete zeloso encontre sabedoria demais nesse texto. Concorro com Verseput: “Em suma, embora a Epístola de Tiago seja certamente um texto exortativo e, por essa razão, não muito diferente do gênero de instrução sapiencial no aspecto micro, ela não se apresenta ao leitor no todo como um produto de reflexão sapiencial” (“Wisdom”, p. 706). Verseput afirma que a sabedoria é um “tema marginal” em uma carta que é sabedoria “apenas no sentido local de formas familiarmente sapienciais ou uma sugestão ocasional de um humor sapiencial” (p. 706).

<sup>22</sup>Penner, *The Epistle of James and Eschatology*. Darian Lockett argumenta que a combinação de sabedoria, profecia e escatologia não é exclusiva de Tiago no mundo judaico; veja seu

soteriológica encontradas em Paulo, Pedro e Hebreus.<sup>23</sup> Assim, a escatologia de Tiago parece focar o ato do julgamento de Deus, seja no plano da história, como no cativo babilônico e na destruição de Jerusalém, seja no julgamento final (4.11-12; 5.7-11).<sup>24</sup> Então, o que motiva Tiago é uma ética eclesial e escatológica de sabedoria,<sup>25</sup> não o que muitos consideram o método “normal” dos primeiros cristãos, a saber, o da soteriologia (paulina). E seu foco na ética está em fazer o bem, falar da maneira certa e expressar o evangelho nas formas socioeconômicas da compaixão e da misericórdia. Por isso, ele dispara farpas proféticas contra os ricos (sem compaixão), contra os desamorosos que não trabalham, contra o abuso impiedoso de poder e contra os mestres que dividem e assassina sem compaixão. Não há nada nessa carta que surpreenda em relação ao que sabemos sobre as igrejas primitivas ou sobre o comportamento dos primeiros cristãos.<sup>26</sup> Aqueles que comparam Tiago a outros escritores do Novo Testamento acabam, de alguma forma, gastando a maior parte de suas energias no tema da relação entre fé e obras em Tiago em comparação a Paulo, e com bastante frequência Tiago decepciona os avaliadores. Ulrich Luck fala habilmente que acreditamos, erroneamente, que Tiago tenha “eine Sprachkompetenz ohne Sachkompetenz”: competência com a linguagem, mas não com a substância.<sup>27</sup> Nossa conclusão é que Tiago se enquadra nas igrejas primitivas de maneira diferente daquela orientada pela soteriologia. Está na moda situá-lo em um extremo do espectro — no extremo direitista — e colocar Paulo no extremo esquerdista, mas uma análise mais cuidadosa revela que Tiago foi uma influência mediadora no quadro mais amplo das primeiras igrejas.<sup>28</sup> Na verdade, uma tipologia comum das primeiras comunidades messiânicas judaicas abrangia um espectro que ia desde

---

“The spectrum of wisdom”. Esse texto popular dos Manuscritos do Mar Morto é encontrado em pelo menos seis manuscritos diferentes, 1Q26 e 4Q415-18, 423.

<sup>23</sup>Entretanto, Tiago tem, sim, uma soteriologia; veja Konradt, *Christliche Existenz*. Sobre a relação entre esses temas, veja o esquema em Penner, “Epistle of James”, p. 275-80; tb. J. E. Botha, “Soteriology under construction: the case of James”, *Acta Patristica et Byzantina* 17 (2006), p. 100-18.

<sup>24</sup>Veja esp. M. Klein, “*Ein vollkommenes Werk*”; veja tb. Wachob, “Apocalyptic intertexture”.

<sup>25</sup>Veja Hartin, *James and the “Q” sayings of Jesus*, p. 35-115, 199-217.

<sup>26</sup>Veja Hengel, *Between Jesus and Paul*; C. Setzer, *Jewish responses to early Christians* (Minneapolis: Fortress, 1994); Stegemann; Stegemann, *The Jesus movement*; E. Schnabel, *Early Christian mission* (Downers Grove: InterVarsity, 2004), 2 vols.; A. Patzia, *The emergence of the church* (Downers Grove: InterVarsity, 2001).

<sup>27</sup>Veja U. Luck, “Die Theologie des Jakobusbriefes”, *ZTK* 81 (1984), p. 11.

<sup>28</sup>Veja esp. G. Boccaccini, *Middle Judaism: Jewish thought 300 B.C.E. to 200 C.E.* (Minneapolis: Fortress, 1991), p. 213-28; Martin, p. xxxiii-xli; veja adiante o excurso no final dos comentários de 2.14-26; Penner, *The Epistle of James and Eschatology*, p. 15-32, em relação a algumas das questões metodológicas.

a plena observância — com ou sem circuncisão —, passava pela observância dos Dez Mandamentos e festivais, até uma ruptura mais ou menos completa de laços com as leis judaicas. Nessa tipologia, Tiago pertence ao grupo da observância sem circuncisão, e Pedro está com ele, mas mais inclinado para um grupo de observância minimalista, com Paulo, que provavelmente era mais conservador do que os helenistas.<sup>29</sup> Todas essas tipologias nunca se ajustam à dura realidade, mas pelo menos nos lembram das variedades da fé messiânica mais antiga.

Isso significa que Tiago conta a história em um contexto em que outras opções (da história) estavam disponíveis e lutavam pela mesma atenção.<sup>30</sup> Seria fácil listar essas opções — saduceus, fariseus, essênios, zelotes e protorrabinismo vêm à mente, mas é preciso levar em conta também as *variedades de cada dimensão do judaísmo*, não ignorando distinções como o judaísmo galileu ou o judaísmo judaíta, e considerar as *variedades das primeiras formas de judaísmo messiânico ou de cristianismo judaico*.<sup>31</sup> Muitos hoje pressionariam em outra direção e argumentariam que a Carta de Tiago deve ser lida num contexto romano ou grego, o que lhe dá ainda outras ressonâncias. Todos concordam que a “história” que Tiago conta deve ser lida no contexto. Na verdade, ele está criando uma versão “wiki” da história de Jesus como Messias, e as Doze Tribos como uma voz na conversação com outras vozes judaicas (e dos primeiros cristãos, romanas e gregas). As vozes nessa conversação, talvez seja necessário lembrar, são pessoais, não apenas opiniões intelectuais e posições teológicas. A teologia, na agitação e no surgimento de ideias na forma emergente do cristianismo primitivo, estava muito mais ligada a líderes poderosos — apostólicos, proféticos e pastorais — do que a opções intelectuais, teológicas ou filosóficas. Portanto, a voz de Tiago, ao contar sua versão da história, mistura-se a outras vozes e se destaca entre elas — como a de Pedro, Paulo, Barnabé e Estêvão.<sup>32</sup> A autoria da

<sup>29</sup>Veja R. E. Brown; J. P. Meier, *Antioch and Rome: New Testament cradles of Catholic Christianity* (New York: Paulist, 1983). Quanto a uma ideia diferente sobre a localização de Tiago nesse espectro, veja Pratscher, *Der Herrenbruder Jakobus*, que defende vigorosamente que Tiago exerceu, durante sua vida, um papel mediador que, mais tarde, foi exagerado, transformando-o em antipaulinismo. Ainda assim, ele desempenhou um papel para os cristãos posteriores, visto que vários grupos formaram as próprias opiniões sobre Tiago.

<sup>30</sup>Veja esp. Hartin, *James of Jerusalem*.

<sup>31</sup>Um esquema mais antigo e ainda muito útil disso é Dunn, *Unity and diversity*. Veja tb. a obra magistral de W. Horbury; W. D. Davies; J. Sturdy, *Cambridge history of Judaism* (Cambridge: Cambridge University Press, 1999), vol. 3: *The Early Roman Period*. Nesse contexto, veja agora Skarsaune; Hvalvik, *Jewish believers in Jesus*; Bindemann, “Weisheit versus Weisheit”.

<sup>32</sup>Essa observação coloca-nos firmemente no campo daqueles que investigam a diversidade (e a unidade) do cristianismo primitivo; pode-se começar essa análise com Dunn, *Unity and diversity*. Sobre o relacionamento de Tiago com Pedro e Paulo, veja esp. Chilton; Evans, *Missions*.